



Jornal das Senhoras – Tomo VI. – 27 de agosto de 1854 – Edição 35

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00035.pdf

3º ANNO.

TOMO VI. - DOMINGO, 27 DE AGOSTO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

CHRONICA DOS SALÕES.

Quem diria que o mez de agosto, nos havia de dar tão bellos dias e encantadoras noites, passados entre tantas festas e bailes, entre funcções sempre animadas e *soirées* brilhantes; e que ao findar a sua carreira nos deixaria tantas saudades e tão doces recordações?!

O mez de agosto tem sido um delicioso passatempo; suas doces horas de prazer hão sido fruidas com o embriagador enlevo de uma ventura constante. Os nossos salões têm tido uma vida de verdadeiro encanto, porque o *mundo elegante* nelles ha gozado venturas e felicidade, prazeres e gozos que a imaginação perde-se na recordação! Uma doce nota de harmonia, que se desprende de uns labios encantadores, ainda acha echo em mais de um coração! O correr da doudejante valsa estreitando o aquecido peito de uma virgem encantada dos alegres e rapidos sons da orchestra, ainda produz sensações as mais bellas, quando a imaginação acha ventura em recorda-la. E um passeio, respirando-se perfumes, trocando-se palavras fascinadoras, e vivendo-se n'um céo de felicidades imaginadas?!

E aquelle que ama os nossos salões, que vive essa vida toda de encantos, embriagadora e animada, hade por força sentir saudades deste bello mez que vai findar-se, porque todo elle

foi passado com maravilhosa novidade e movimento, no meio sempre dos mais bellos e brilhantes passatempos gozados pelo nosso *mundo elegante*.

As semanas succederão-se umas apóz outras, sempre variadas nos seus bellos dias e lindissimas noites; e a vossa Francina, queridas leitoras, tem acompanhado todo esse movimento elegante do mundo *fashionable*, porque ella estreia-se ao circulo do *bom tom*, para gozar o bello, o brilhante, e o seductor.

Na presente semana o *Cassino Fluminense* veio mitigar as recordações dos bailes anteriores e occupar todas as atenções, servindo de agradável thema às elegantes conversações. Diz-se que o baile de segunda-feira esteve animado e concorrido, e que por consequencia a reunião foi brilhante, e o mesmo que repetir que a nossa formosa bahia Guanabara é bella, é linda e fascina a imaginação. O baile do Cassino é o primeiro baile da nossa elegante sociedade, e as suas reuniões, tão suspiradas sempre, são bellas e animadas, elegantes e lindas. As nossas bellas ahi ostentão sempre os seus encantos, e com aprimorado bom gosto, apresentam os mais lindos toilettes. Desta vez forão elles tantos, tão formosos e tão ricos, que se tornarão notaveis, muito mais, depois de uma successão de bailes, e quasi todos elles de primeira ordem, em que as nossas amaveis e elegantes senhoras tanto se distinguirão nos seus encantadores enfeites de

toilette, e na escolha de seus lindos e ricos vestidos.

No sabbado a sociedade *Vestal* deu tambem o seu baile mensal, concorrido por duzentas e trinta e seis senhoras, e duzentos e cincoenta cavalheiros; esteve completa a reunião, e gozou-se uma deliciosa noite. A *Vestal* remontou-se de novo ás suas noites de gloria de outr'ora, e hoje é uma pequena mas interessante *Philharmonica* que promette um lindo futuro, graças aos esforços do seu digno Presidente e mais membros da Directoria.

A parte harmonica do baile foi por demais deliciosa e encantadora. Cantarão as Exmas. Sras. filhas do Sr. Barão de Cayrú, e do Exm. Sr. José Maria Corrêa de Sá, e as sobrinhas do Sr. Dr. Noronha Feital. O insigne artista o Sr. Francelino esteve insigne na sua rabeca. Os concertos de piano e frauta e o de harmonica, forão executados perfeitissimamente. Mas o que se tornou notavel, forão as jovens filhas do Sr. Leite Bastos, e tenente-coronel Albuquerque: executarão ao piano difficeis peças com a maior perfeição, gosto e arte.

A reunião de tantas moças bellas e formosas compunha um *bouquet* de tão lindas flores, que difficil se tornava a sua escolha. Havia comtudo tanto gosto e riqueza em dous *toilettes*, que seria injustiça não elogia-los. O primeiro era de filó azul bordado de branco, com rendas valencianas. O segundo, de escumilha côr de canario, tambem bordado, com uma guarnição de lindas e pequenas flores. As duas senhoras que assim trajarão merecião as honras do salão; mas nem por isso podião ser esquecidas — a mimosa de *toilette* de seda escura de quadrinhos, a elegante moreninha, as duas irmãs de caixinhos, toucadas de azul, e muitas outras, mimosas e encantadoras; a fascinarem a alma nos enlevos da imaginação!

Tambem a *Phil' Euterpe* deu a sua reunião de recreio, concorrida e animada, deliciosa e encantadora; não faltárão os deliciosos attrativos dessa bella reunião de canto e baile.

E um dos dias da semana passada o Recreio *Fluminense* deu o seu baile e o seu spectaculo dramatico no Paraíso; e posto que a concurrencia fosse pequena, o circulo bailante tirou desforra do tempo consumido nas comedias, dançando a mais não poder, e gozando assim das bellas contradanças, valsas e scholishes que tocarão as duas orquestras que teve o baile.

Na quarta-feira tocou á *Recreação Campestre* o chamar á postos a nossa elegante sociedade, que lá se dirigiu ao *Paraíso* a gozar mais uma bella noite.

Ainda uma brilhante *soirée* de annos, e mais um chá de despedida, tiverão logar esta semana. E para que o mez de agosto termine brilhantemente o Sr. Malvasi ahi nos vai dar um concerto no dia 29, composto de escolhidos pedaços de harmonia, o que hade por certo atrahir uma reunião escolhida de *dilettantes* ao salão do theatro lyrico. Pena é que o grande baile de *Beneficencia franceza* não seja dado ainda neste mez, para que então o agosto fosse aclamado como o primeiro mez do anno — no *bom tom* e *elegantismo* da sociedade fluminense; porêm ao menos, sendo elle no dia 2 de setembro, como que serve de estreia para esse mez, que tambem nos acena esperançoso; muito mais sabendo eu já de alguns bailes que hão de haver, da brilhante festa do Soccorro em S. Christovão, de um estrondoso sarão por essa occasião, e muitos outros passatempos que nos promette o futuro mez, sem esquecer os festejos que alguns moços prepararão em Nictheroy para saudarem o dia da nossa Independencia, — o 7 de setembro, o idolatrado dia da Liberdade.

Muito bem! tenho hoje tagarellado como um papagaio. *Que maçada !* Não pensais assim, querida leitora ? Pelo sim pelo não, será bom que acabemos aqui. Até domingo que vem.

Francina Oscenia.

26 de agosto de 1854.

EXPLICAÇÃO DA PADRÃO DE BORDADOS.

- N.º 1 e 2. — Bordado de *Soutache*.
- N.º 3. — Tira em bordado brasileiro para vestido de criança.
- N.º 4. — Entremeio em bordado brasileiro.
- N.º 5. — Collarinho do mesmo bordado.
- N.º 6. — Tira em bordado de festão.
- N.º 7. — Canto de lenço em bordado inglês e ponto real.
- N.º 8. — Bordado, em seda, de côres matizadas, para forrar charuteira.
- N.º 9. — Meio de lenço em bordado de festão.
- N.º 10. — Touca em bordado brasileiro.
- N.º 11. — Fundo de touca, no mesmo bordado.
- N.º 12. — Tira em bordado inglês.
- N.º 13. — Camisola de criança.
- N.º 14. — Vestidinho de criança, bordado brasileiro



A ROSA DA SEPULCHRO.
POR D. M. DE O. QUINTANA.
(Continuado do n.º 34.)

III
O LEQUE DE MARFIM.

Amor ! sua vida, alma, e natureza,
amor que Elle pensára que o nutria,
e que o dava todo, todo como se
fora o seu melhor dote, . . .

(B. D. P.)

Dez annos se tem decorrido, depois do que narrámos no capitulo antecedente.

Estamos no fim de uma bella tarde.

O sol já toca ás portas do occidente, e nuvens purpurinas o acompanhão nos seus adeoses que saudosamente envia á terra. Uma incomprehensivel tristeza espalha-se pela cidade do Rio de Janeiro : sobre a cupula de seus altos edificios morre melancolicamente a pallida luz do crepusculo : apparece já a estrella vespertina, e a tristeza como que é partilha de todos, à proporção que desaparece o astro-rei por detraz das altas e magestosas serras.

Na praia de D. Manoel, um mancebo passeia lentamente dirigindo de vez emquando olhares impacientes para a vasta planice das aguas que serenas se estendem adiante delle.

Seu rosto pallido, moldurado por uma espessa e longa barba, apresenta um typo de suavidade que o torna notavelmente sympathico, attractivo e respeitoso. Sua estatura é esbelta, e seu andar cheio de nobreza attrahiria certamente a attenção dos curiosos, se os curiosos se lembrassem de tranzitar á essa hora pela praia de D. Manoel.

O nosso mancebo pois, vendo-se só por uma casualidade, entrega-se todo aos seus pensamentos, e chega mesmo a proferir estas palavras:

— Segredo horrivel! no fundo de minh'alma, tu, anniquilas o mais doce de suas esperanças !

E depois cruza os braços sobre o peito e entrega-se á mercê de seus pensamentos, que, a serem tão crueis como suas palavras nos revelão, certamente-lhe ferem o coração como os farpões de impiedosas settas.

Finalmente elle avista um escaler, que acaba de chegar da Jurujuba, e delle vê saltar dous mancebos, seus amigos.

Um delles, alto, extremamente magro, de cabellos á *Buridan* e feições de menina ingleza, trajava uma sobrecasaca verde guarnecida de botões de tartaruga, collete de seda preta e calças de brim branco. O outro de cutis rosada, cabellos pretos, pouca barba, e labios nacarados, vestia rigorosamente de preto

O primeiro destes mancebos, apenas desembarcado, ergueu-se nas pontas dos pés, fez dous passos do sorongo, e foi, em até de quem vai dançar o minuê, apertar a mão d'aquelle que os esperava, exclamando :

— O theatro é a escola da civilisação.... amigos! Ao theatro!.... E já que nos achamos aqui reunidos, eu Telesforo o *florilegio da rhetorica*— Ricardo o symbolo da melancolia, e Cyrillo que commigo veio, a sisudez em pessoa; sou pois de opinião que, eu Telesforo, Ricardo e Cyrillo, ou por outra, que eu, tu, e... tu... Valhão-me Santo Antonio, S. José, todos os Santos, e Nossa Senhora das Neves.... E Vossa Senhoria, Sra. D. Rhetorica, acuda a um seu amigo, que fallando de si, diz — eu — designando a Ricardo diz — tu — e por consequencia não sabe como falle de Cyrillo, senão designando-o por — tu — tambem! De sorte que vem a ficar — eu, tu e tu! O que é feio, não há duvida; mas.... amigos dispensem-me da conclusão. A hora vai um pouco adiantada e vocês ainda não se cortejão.

Estes disparates não podião deixar de provocar o riso, e os dous ouvintes de Telesforo, comquanto que não estivessem muito dispostos para isso, rirão-se por deferencia, e apertarão-se mutuamente as mãos.

Estes tres jovens, amigos intimos, tinham chegado de manhã do Rio Grande do Sul, e apenas desembarcados, separarão-se para visitarem suas familias, ficando justo de se reunirem á tarde para irem à noite, ao theatro de S. Pedro de Alcantara.

Grande novidade entretinha então os amadores da scena dramatica. A companhia do theatro de S. Pedro, representava nessa noite, pela primeira vez, a tragedia — *Antonio José*, ou o Poeta e a Inquisição — do nosso grande philosopho, e insigne poeta Domingos José Gonçalves de Magalhães. E o papel do protagonista era desempenhado pelo inimitavel João Caetano dos Santos.

Chegavão pois os tres amigos em optima occasião.

Oito horas acabão de soar.

Ricardo, Cyrillo e Telesforo achão-se sentados nas cadeiras do theatro.

Os dous primeiros estão pensativos; e Telesforo procura fazer um discurso ácerca do illuminador que anda veloz pelo corrimão dos camarotes da quarta ordem á accender os globos de vidro.

Dez minutos depois, a orchestra rompe em uma grande ouverture, e o theatro está completamente cheio.

Telesforo, sempre prompto a proferir discursos, depois de fallar do illuminador, observa aos seus amigos que todos os camarotes estão cheios á excepção de um da segunda ordem que ainda existe fechado.

— E' singular, meus amigos, disse elle. E' singular, muito singular! E ninguem me tira da cabeça, que aquillo não seja singular, muito singular!

— 276 —

Senão, vêde em como a retórica nos ensina— que a singularidade...

—Não é preciso, não é preciso ! apressou-se em interrompê-lo Cyrillo receios da sua retórica. Ora vês ? já está aberto, e por consequência, é desnecessario agora... oh ! que linda joven appareceu !

— E' a bella Ethelvina, disse um dos espectadores ainda moço, que ficava á direita de Ricardo. E' a filha do Sr. Jalahy, barão da Curupira.

— Ah!! exclamou Ricardo, estremecendo, agitado por uma rapida emoção.

— E' ella, não é assim? Disse-lhe Cyrillo ao ouvido.

— Curupira!? murmurou Telesforo, Santa Maria! que nome! Pois Curupira...!

— Não sabeis, senhor? perguntou o tal espectador. Curupira é o nome de uma terra que ha na Guaratiba, entre o Pontal, e proxima a serra da Prainha do Meio.

— Ora, que me importa! Tambem eu não lhe perguntei por isso. Mas.... Olá! Quem é aquelle figurão sem nariz, e com feições de *qualy mondeó*, que acaba de sentar-se ao lado da bella joven?...

— Desta vez perguntaes? interrogou o mesmo espectador.

— Ora, que me importa! Tambem, eu não sei se vos pergunto.

— Perguntaes, e eu vos digo que aquelle figurão sem nariz, é o seu futuro esposo o commendador Emiygdio.

A este nome, Ricardo voltou-se rapido para o camarote e mormurou a meia voz, cobrindo-se de mortal pallidez :

— Elle! sempre elle!...

— Novidade! novidade! disse Telesforo. A linda joven dirige para cá o oculo; oh! dá-se acaso que esteja gostando de me ver?...

— Qual! não é ao senhor, é...

— Ora, que me importa!

— E' ao seu amigo. Mas, oh! meu Deus! Como elle está pallido!

— Silencio!.... scio!.... Bradarão algumas vozes.

Nesse momento o pano subiu, e o espectaculo principiou.

Talvez que, algum leitor mais escrupuloso, se lembrasse de perguntar-nos, d'onde nos veio a ousadia de apresentarmos revestido da dignidade de barão, ao Sr. Jatahy, que no principio desta narração o vimos habitando uma pobre casinha de sapê, e entre gente que certamente não foi talhada para as alcatifas e para as carruagens de braços?

Leitor, a resposta é facil. Se fosse preciso para alcançar-se um desses titulos que formão a fraze a que se chama nobreza, que todos os candidatos apresentassem documentos de suas virtudes, de seu talento, ou de seus valiosos serviços em prol da patria, o negocio seria difficil, mas neste caso deu-se a estabelecida excepção: o Sr. Jatahy comprou o seu titulo.

Mas, outra duvida. Donde houve elle esse dinheiro?..

Lembrai-vos, leitor, do Sr. Antonio dos Tremóços? Pois o Sr. Antonio dos Tremóços, achou um seu patricio que lhe deu a *mão*, e associou a si o seu amigo Jatahy. Enriquecerão-se pois, graças ao miseravel crime do trafico da escravatura! E assim, um é hoje o Barão da Curupira, e o outro, o Visconde das Pereiras!

Como dissemos, o espectaculo principiou.

Ethelvina, nos seus vinte e quatro annos, era ainda a mesma joven de quinze que no capitulo primeiro apresentámos ao leitor. Sómente sua tez se tornára mais pallida, seu olhar mais languido, e sua estatura mais desenvolvida.

Inclinada sobre a balaustrada do seu camarote para notar a multidão da platéa, parecia um lyrio pendido sobre as torrentes de um ribeiro.

O riso morrêra-lhe nos labios, ou então, se ainda existia, era como uma flor condemnada pelo destino a morrer apenas desabrochasse.

Esses expressivos, suaves, e negros olhos, privilegio das jovens brasileiras, e de uma doçura a causar inveja ás *Miss*, ás *Senhoritas*, ás *Mademoiselles*, e ás *Signoras*, revestidos agora de uma profunda melancolia, volvião-se vagarosos em suas orbitas, e parecião antes amar de preferencia, as humildes florinhas das campinas, do que as douradas nuvens do firmamento.

(*Continúa.*)

POESIA.

Dos bosques erão cahidas
As suas folhas mimosas;
Nuas, tristonhas estavam
As sapucaias frondosas.

Era d'outono o reinado
Que ás folhas declara guerra;
Com ellas tinha juncado
A superficie da terra.

— 277 —

Dos bosques tinham fugido
Os seus tristonhos mysterios;
Não exercião as aves
Seus sublimes ministerios.

Neste tempo, que o silencio
Em seu rigor afamava,
Pelos bosques desfolhados
Um mancebo divagava.

No rosto a baça tristeza
Signaes indeleveis tinha
De quem vive moribundo,
Que na aurora se definha.

Uma vez sequer ao menos
Percorrer elle queria
Estes tristonhos logares
De sua antiga alegria.

Estes bosques, que tão caros
Lhe forão na mocidade,
Que os brincos lhe recordavão
De sua mais tenra idade.

A lentos, pesados passos,
Mal firmados pela dor,
Ia soltando suspiros
Desse peito soffredor.

Despedir-se elle queria
De seus bosques amorosos;
Erão seus ternos adeuses
Adeuses os mais saudosos.

Bosques, que eu amo, recebem
O meu derradeiro adeus:
Eu succumbo, e vosso estado
Predizem destinos meus.

A quéda da menor folha
Eu comparo á minha sorte;
Na quéda de cada folha
Vejo um presagio de morte.

Oraculo fatal me diz:
« Teus olhos inda verão
« As folhas se aurificarem,
« Mas breve se fecharão.

« O verde-negro cypreste,
« Que tu vês e te rodeia,
« Em breve ornerà teu leito
« Nessa morada tão feia.

« Para o tumulo te encaminhas,
« Tão descórado qual morte;
« Morreu tua mocidade,
« Negro cypreste é teu norte.

« E' curta tua existencia,
« Qual a da herva do prado;
« E' mais curta que a do Pampano
« Do outeiro separado. »

Vejo vir a morte minha
Pelo Autro bafejada,
Fria e terrivel qual ella,
Porêm qual ella esperada.

Annuncia a vinda sua
Nuvem negra aterradora;
Annuncia a morte minha
Molestia consumidora.

Foi um sonho que passou
Minha curta mocidade :
Vi correr a minha infancia
Qual ligeira tempestade.

Cahe a folha que um só dia
Tem marcado o viver teu;
Porêm o chão que occupares
Occulta sepulcro meu.

Veda aos olhos de uma mãe
Este caminho terrivel;
Occulta a seu desespero
Amargo pranto infallivel.

Na mansão serena e fria,
Na solitaria morada,
Se vires a minha bella
Vir chorosa e desgrenhada;

Por teu ruido desperta
Minha sombra sepultada ,
E seja sequer na campa
Um momento consolada!

E elle diz, e logo parte
Para ali não mais voltar;
Porê m marca sua vida
Um pequeno estrepitar.

Derradeira ultima folha,
Do arvoredado cahida,
Assignal-a, marca o termo
De sua cançada vida!!

Sepultado nesse bosque
Jaz o mancebo infeliz;
Não foi vel-o sua bella,
Chorar na campa não quiz.

Interrompe esse silencio,
Do sepulcro companheiro,
Pastor que no Prado erra,
Que ali entrou primeiro.

Pastor que tudo ignoras,
Não turves com os passos teus
Esse silencio dos mortos,
Silencio dos mausoléus...

(Trad. de Millevoye.)

Por Ayres da Serra de Souto Maior.

— 278 —

MULHERES CELEBRES.

(Continuado do n. 34.)

G

GABRIELLA DE BOURBON, filha de Luiz de Bourbon, conde de Montpensier, morreu em 1516. Era summamente espirituosa, e de um talento não vulgar. Escreveu: *Instrucções das donzellas; Templo do Espirito Santo; Viagem de uma devota e contemplação sobre os mysterios da encarnação e paixão de Jesus Christo*, e outras obras mysticas que ficarão em manuscripto.

GABRIELLA EMILIA LE TONNELIER DE BRETEUIL, marquesa do *Chastelet*, nasceu em 1706, morreu em 1749. Educada no seculo XVIII e entre os grandes genios que então glorificavam a França, adquiriu Gabriella vastissimos conhecimentos não só das mathematicas e philosophia, como tambem da linguistica, principalmente o patrio idioma que ella fallava e escrevia com a maior perfeição possível. Apesar de ser má poetisa, era comtudo excellente critica, e, como diz Voltaire: «Os encantos da poesia erão por ella apreciados, e seu ouvido em extremo sensivel à harmonia não podia soffrer versos mediocres.» Seu character é digno de ser estudado; nelle descobre-se uma mulher nunca enfatuada pelo seu saber, um ente que só fallava a linguagem da sabedoria diante das pessoas que a podião instruir, e com as quaes desenvolvia as mais interessantes questões e as demonstrações as mais difficeis; entretanto, entregue ao amor, ou ao jogo, abandonava uma discussão philosophica em meio para jogar uma partida, ou receber algum dos seus amantes, em cujo numero entrou Voltaire. Docil e raivosa, comparou-a a Sra. de Tenein á uma gata que a um tempo acarinha e arranha. Escreveu: *Instituições physicas*, ou explicação da philosophia de Leibnitz, offerecidas a seu filho de quem era professora de geometria. Traduziu e commentou os *Principios de Newton*, e finalmente pertence-lhe o grande *Tratado sobre a felicidade*, que *Condorcet* tanto elogia dizendo: «E' a única obra talvez dessa qualidade, que tem sido escripta sem pretensão e com inteira franqueza.»

GALLA PLACIDIA AUGUSTA, imperatriz, filha de Theodosio-o-Grande; nasceu em Constantinopla no anno de 388 pouco mais ou menos. Duas vezes foi escrava e outras tantas esposa dos illustres principes: Ataúlfo, cunhado do rei dos Visigodos, e Constancio, general de

Honorio. Conseguiu elevar ao throno seu filho Valenciano, em nome do qual reinou trinta e cinco annos. Morreu em Roma em 450.

GARDEL (Sra.), insigne dançarina, mulher de Paulo Gardel, choreographo francez e director dos bailes da Opera; nasceu em Auxonne (Borgonha) em 1770, morreu em 1833.

GASPARDA STAMPA, poetisa, celebre pelo seu amor por Colalto de Treviso; nasceu em Padua em 1523, morreu em 1554. Escreveu: *Poesias*.

GENEBRIA, escriptora de algum merecimento: deixou muitas epistolas.

GÉMINA, illustre philosopha. Escreveu: um Tratado philosophico.

GERALDA CASSINEL, filha de um dos camaristas de Carlos VI, e dama de honor da rainha Isabel de Baviera. — Seu talento, sua formosura e a vivacidade do seu espirito, attrahirão-lhe não só a amizade de todos que a conhecião, como tambem o amor do rei. Juvénal des Ursins diz em uma de suas chronicas: «Le roi et son filz, après qu'ils eurent été à Nostre-Dame, em 1414, pour faire leurs offrandes et dévotions, partirent de Paris, et estoit le dauphin bien joli, et avoit un bel estendart tout battu d'or, où avoit un *k*, um cigne et um *l*. La cause estoit pour ce qu'il y avoit une damoiselle moult belle nommoit la Cassignelle, de laquelle on disoit le dauphin amoureux, et pour ce portoit-il le dit mot.» O que prova quanto é antiga a ideia dos *enigmas pittorescos*.

(*Continúa.*)

A FELICIDADE.

(IMITAÇÃO DO HESPANHOL.)

Um homem muito rico, padecia uma molestia que os medicos julgarão mortal, e a quem aconselharão (segundo o fanatismo d'aquella época) que só vestindo a camisa de um homem que se considerasse feliz, poderia salvar a existencia.

Mandou immediatamente o doente os seus famulos, que percorrendo os estados de differentes nações, achassem a tal camisa que o poderia salvar.

Encontrarão nesta viagem:

O imperador que não estava satisfeito com os seus amores.

O rei que não estava com os ministros.

Os ministros que o não estavam com os secretarios do estado.

Os agiotas que o não estavam com o agio.

Os lavradores com a colheita.

Os commerciantes com a demora dos seus navios.

Os operarios com a falta de trabalho.

— 279 —

Os actores com as pateadas, e com a falta das enchentes.

Os militares com a falta do soldo.

Os empregados com o ordenado pequeno.

Os padres com a esmola das missas.

Etc., etc., etc.

Porém, chegando a um campo, nos cantões da Suissa, achou um pobre homem, que pelos andrajos demonstrava a sua miseria, que sósinho, cantava, ria e folgava, como o poderia fazer o homem mais opulento.

Chegarão-se a elle, e perguntarão-lhe, se elle se julgava feliz, pois o vião tão alegre e satisfeito que não parecia ser o que inculcava pela apparencia da sua miseria.

Elle respondeu-lhe:

— A terra e o ar ministram-me a comida e a bebida: sou livre e independente, porque não conheço superiores senão aquelle que lá está em cima, por, isso acho-me no mundo o homem mais feliz.

Lançarão-se sobre elle e o despirão dos seus trapos para tirarem-lhe o que ha tanto tempo andavão procurando.

Infelizmente o unico ente feliz na terra, não tinha camisa!!!

CORREIO DOS SALÕES.

Muito bem, minhas leitoras : parece-me que desde que se inventarão os mezes, inda não houve um tão cheio de festas e distracções, de casos serios e intrincados, de ridiculos e grotescos, como o mez que está quase acabando.

E de certo assim deve ser. Pois Deus havia collocar-nos neste valle de lagrimas, neste mundo de contradicções, para contentarmo-nos com o que houvesse ? Certamente que não. Elle, que em sua sabedoria nos collocou entre as lagrimas, foi para que buscassemos os risos; elle que nos deu esta vida tão enfadonha e attribulada, foi para que achassemos ou inventassemos as festas e os divertimentos. Pois acreditais que o mundo poderia subsistir como é formado, unicamente habitado pelos discipulos de Heraclito, o qual chorava constantemente as misérias

humanas, ou exclusivamente pelos sectarios de Democrito, que não perdia ocasião de rir-se das loucuras dos homens? Para que nos daria o espirito, que, como ninguém desconhece, tende sempre ao incognito e mysterioso, como o vôo das aves tende sempre ao espaço?

Ah! Não é possível. Não teria então creado o paraíso; não creára também a arvore prohibida, e sobretudo não formára a mulher. Porque a mulher representa a idéa do bello, uma das comdições mais lindas da natureza; e a idéa do bello está na variedade das cousas, das vistas, das harmonias, e não na monotonia das mesmas cousas sempre iguaes, sempre repetidas. Se fosse assim, deixaria o homem entregue á sua solidão, á sua tristeza, á suas lagrimas; não lhe dera a companhia de seu destino, a alegria de suas decepções, o consolo de suas amarguras, o encanto de sua existencia. Pois se o homem pudesse viver bem, só com a metade de sua alma, de certo Elle lhe não reconheceria a necessidade de completal-a com o seu lado mais bello. Seria o mesmo que se Raphael houvesse pintado um lindo quadro e deixasse-lhe a metade em branco! Seria mesmo uma blasphemia suppor Deus — typo da única perfeição — capaz de deixar incompleta sua obra.

O que Elle apenas quis deixar vendado no mysterio, fel-o por propria perfeição; porque nós achamos mais belleza n'uma paisagem que nos deixa adivinhar entre as sombras de um bosque o vulto branco e feiticeiro de uma fantastica figura, do que se nol-o deixasse descobrir ao vivo. E a razão é simples. Porque tudo o que é mysterioso tem mais encanto do que o que se mostra a descoberto; porque a verdadeira poesia é segredeira como uma sybila e ama extremadamente a seducção do encoberto e do occulto.

Eu, por mim confesso, antes quero que uma leve sombra, que um vulto desmaiado e subtil, uma préga feiticeira e enrugada, me deixe adivinhar uma belleza escondida, do que se m'a mostrassem descereimoniosamente.

Mas não é essa a questão. O facto é que este mez há de deixar recordações muito vivas e saudosas, e que muita gente bonita está de antemão desfolhando *flores de laranjeira* para matizar-lhe o esquife em que tem de dormir o somno — do nunca mais voltará! E a proposito de flores de laranjeira: foi o mez, por excellencia, dos casamentos, e portanto dos bailes.

A Nossa Senhora da Gloria parece-me que teve muita promessa este anno.... Só Deus, mais o thesoureiro da irmandade, sabem quanta velinha enfeitada foi depositada aos pés da Santa; quanto ramo de flor foi ornar o seu altar. E o mais é que tenho cá para mim, que todas ellas forão milagrosamente compensadas como cuidadosamente cumpridas. A sua festa esteve concorrida, como sempre; os fogos de artificio estalárão por todos os cantos da cidade; as musicas estrondárão de todos os lados; e á certa hora, que foi marcada pelas palpitações

anciadas de muitos corações, abrirão-se as portas magicas de um palacio de encantamento, e as salas moverão-se na tergiversação de um grande baile!

Descrever o que houve, seria enfadonho; porque bem poucos deixarão de lá estar. Contar todas as cousinhas bonitas que ouvi ás furtadelas, seria indiscrição. E pintar o que vi, seria atrevimento; porque o que houve não se pinta, recorda-se apenas nos fantasticos sonhos, nessa madorna-languida e quebrada que costuma preceder o somno, quando a imaginação devaneia. O nome das pessoas que tiverão a feliz lembrança

— 280 —

que já vai tomando o character de habito, são mui conhecidos, e o do baile ainda mais: é o baile da Gloria!

Voltando aos casamentos. Foi uma especie de delirio, de loucura, de febre amarella; e que se eu soubesse d'onde veio, ainda que fosse da Inglaterra, faria um tratado de paz com essa nação, e, se pudesse, apromptava uma esquadra destinada a ir buscar em seu fóco essa *peste* encantadora que sabe disfarçar-se em modesta apparição coberta de um véo e de um vestido branco, e recendendo os aromas embriagadores das laranjeiras da Persia. Veio produzir uma quasi revolução; bolir com as disposições de nossos codigos civis, e logo em tempo de reformas!, veio trazer uma inversão completa, até nos antigos adagios que tinham direito, por suas antiguidades, á socegada aposentadoria de seu eterno descanso.

Fallo deste modo, porque não sei se ha alguma disposição no nosso codigo que marque penas aos raptos.... engano-me, ás raptoras dos filhos-familias. Já não serve dizerse, como em outro tempo, — *só me casarei se for tirado por justiça*. Já o moço solteiro não tem as garantias de seu estado de liberdade, não póde mais contar com o futuro. Alguns velhos pais conheço eu que andão afflictos com o tal successo deste mez: e andão attribulados e esbaforidos da casa de seus advogados á camara dos representantes da nação. E só a mim não se lembrão de raptar...! Emfim direi como muita gente que conheço — que isto de casamento e dinheiro é *destino*!

Fatal destino que fecha os olhos, e vai correndo e levando os que encontra pelo meio da estrada; ao passo que eu e muitos ficamos na beira do caminho a dar com os lenços, acenar com os chapéos, e assoviando... constantemente.

E o mais é que foi uma felicidade não se ter inventado os trilhos de ferro e as locomotivas quando se formou o destino; por que, sendo o seu fado caminhar sem parar, é claro que não teria tempo para fazer-se-lhe uma a proposito.

Emfim, minhas leitoras, não fiqueis atristadas com a chegada proxima da hora final do mez, o de setembro não tarda, e eu vos asseguro que virá como este, radiante de alegria e cheio de esperanças. E se quereis convencer-vos, como eu, entrai, quando passardes pela rua do Ouvidor em casa de M.^{me} Dubois por exemplo, e não podereis caminhar no meio de tantos ramos que se preparam. As casas dos confeitores, nem fallemos, é o chaos primitivo com toda a sua confusão, M.^{me} Hortense é muito natural que mande buscar uma colonia para dar sahida a tanto enchoval que tem de preparar. E por enquanto contentai-vos em ir ouvir M.^{me} Charton que tem estado sublime, até á idealidade!

Beijamin.

CHARADAS.

Onde há centenas há cem ;	1
Onde há vinte e cinco há prima ;	1
Que sem córte, os pés p'ra cima,	
Meia duzia em cinco a tem.	1
Essa mesma, que ora vem	
De soffrer breve mudança	
Que na meia duzia a lança,	1
Existe onde houver cincoenta,	1
E tambem onde sessenta ;	1
Mas por fim <i>nada</i> se alcança.	1

De Marte ao filho, ao viajor activo,
Bastante sirvo, qual prestante amigo ;
Este approximo á desejada méta,
Desvio aquelle de fatal perigo.

D'immensa vastidão, de peso enorme,
Eu desco ás cavas da montanha ingente:
Se em gratas regiões conservo a vida,
Tambem a sei roubar na Libia ardente. 1

Sentado á sombra da palmeira triste
Que á misera Carthago esconde o pejo,

Qual ella outr'ora foi medito e choro,
Qual eu outr'ora fui e qual me vejo! 3

D'ali te arrancão, miserando Ibero,
Assassinos heroes que aponta a historia,
Lá quando o Luso te destina á morte,
E do quarto João canta a victoria!

(Pela Ex.^{ma} Sra. Dona I. A. S. C.)

CORRIGENDA.

Na continuação do romance publicado no número antecedente, pag. 268, ls. 15, onde diz: — sempre contente! Leia-se: — sempre constante!

Acompanha este n.º 35 um padrão de bordados.

Typ. DO *JORNAL DAS SENHORAS*, RUA DO CANO N.165